

# Brincadeira infantil: um lugar de saúde

Maria de Lima Salum e Morais\*

São inegáveis os benefícios da brincadeira e do humor para a saúde humana. Dada a extensa dimensão do fenômeno da ludicidade, pretendo ater-me aqui ao brincar na criança, especificamente até os seis anos de idade.

Brown (1998), tratando de evidências clínicas do brincar, aponta duas situações que atestam sua importância na infância e suas repercussões na vida adulta: (1) estudando a vida de alguns assassinos em série, evidencia que, em comum, foram impedidos de brincar livremente na infância; (2) antes mesmo de outros indícios advindos de exames clínicos e laboratoriais de crianças gravemente enfermas, o primeiro sinal de melhora de seu estado de saúde é comportamental, manifesto através da retomada do brincar, interrompido durante as fases críticas da doença. A partir dessas evidências, Brown conclui sobre a função reparadora do brincar que, assim como o sono e o sonho, funcionaria como um super-organizador da experiência.

Pretendo levantar duas questões ligadas ao brincar: a primeira delas diz respeito à espontaneidade da atividade lúdica, que tem sido objeto de discussão entre pesquisadores de base e educadores e que, em última instância, repercute sobre a saúde mental das crianças, principalmente daquelas inseridas no sistema educacional desde os anos pré-escolares. A segunda, mais ambiciosa, trata de tecer considerações sobre a brincadeira em nossa cultura, comparando-a àquela existente em outras sociedades erigidas sobre bases mais simples e tradicionais, representadas principalmente pelas sociedades indígenas.

Carvalho, Magalhães, Pontes e Bichara (2003) ressaltam a importância da brincadeira na expressão de emoções, motivações, percepções e aspirações humanas fundamentais. Apresentam argumentos que contrariam a "formatação do brincar", a prática pedagógica que procura dirigir, enquadrar e apropriar-se da brincadeira, estruturando-a, regravando-a, delimitando-a. A essência do brincar deve ser a espontaneidade.

O grupo de brinquedo é um espaço em que se constroem redes de relações em que papéis são atribuídos, regras são estabelecidas, procedimentos são adotados numa dinâmica muito ágil, em que, a qualquer momento, uma mudança é possível. Os papéis não são fixos, as rotinas não se estabelecem. Trata-se de um mundo de inovação e, ao mesmo tempo, de transmissão e de iniciação cultural.

Uma das linhas da psicologia intercultural distingue, basicamente, dois tipos de cultura: as ocidentais e as não ocidentais (KELLER, 1998). Essa divisão, embora super-

simplificadora, nos ajuda a compreender algumas diferenças entre as formas de criação e de cuidados com a criança existentes em diversas comunidades. As sociedades ocidentais, atualmente moldadas pelos padrões euro-americanos, seriam todas aquelas que derivam do chamado progresso tecnológico e nas quais prevalecem valores de autonomia, independência, auto-realização e competitividade. Por sua vez, as culturas não-ocidentais são moldadas por valores coletivistas de compartilhamento dos bens materiais e pela importância dada ao bem-estar do outro.

Ora, resulta que o espaço da criança e as expectativas em relação a ela diferem muito nos dois tipos de cultura. Nas sociedades ocidentais, em que o cuidado em relação aos filhos é mais individualizado e o raciocínio lógico-abstrato supervalorizado, grande parte da educação nos primeiros anos de vida é partilhada com creches e pré-escolas, espaço criado recentemente na história da humanidade.

Por um lado, as crianças de nossa cultura vivem num ambiente de altíssimo nível de estimulação, incentivado ainda mais pelos meios de comunicação, pela indústria de brinquedos e pela incorporação de novas tecnologias. Por outro lado, acostumam-se a algumas atividades em que são passivas e superdirecionadas. Nesse contexto, as iniciativas das crianças para brincadeiras tradicionais auto-dirigidas tornam-se cada vez mais restritas.

Façamos agora uma tentativa de retomar o tipo de vida de nossos ancestrais, o que pode ser ilustrado pelas comunidades indígenas atuais. Nessas sociedades, no primeiro ano de vida, as crianças mantêm contato corporal intenso com as mães, que as transportam para onde quer que vão e satisfazem suas necessidades à medida que surgem. Os bebês são o centro das atenções dos mais velhos, sendo acalentados pelos pais, irmãos e outros membros da comunidade (GOSSO & OTTA, 2003). É desta forma que a criança começa a participar da vida comunitária.

Quando chegam aos dois ou três anos, há uma abrupta mudança de *status*, em parte ocasionada pelo nascimento de um irmão. Nessa nova fase, a criança passa a ser apenas mais um membro da comunidade. Em algumas sociedades, os adultos e as crianças mais velhas praticamente não dão atenção para a criança pequena. Seus acessos de raiva, suas birras, seus "caprichos" são

---

\* Pesquisadora científica do Instituto de Saúde e doutoranda em Psicologia. Email: masalum@usp.com.br

ignorados pelos mais velhos. Assim, rapidamente, a criança entende que ninguém é especial, superior ou exerce domínio sobre os demais (BONTA, 1997). Aprende com as crianças mais velhas, principalmente através de brincadeiras, em que também imitam os pais, incorporando valores e regras de seu grupo sociocultural e iniciando-se nas principais tarefas comunitárias. As crianças aprendem a identificar os limites de forma vivencial, obtendo assim conhecimento da sociedade em que vivem e dos indivíduos com quem interagem (NUNES, 1999).

O sistema de valores, naturalmente, repercute nas brincadeiras infantis. Embora as brincadeiras dos índios basicamente sejam muito semelhantes às das crianças de nossa sociedade, nelas, a inventividade convive harmoniosamente com a tradição. Nesse contexto, a brincadeira é uma escola através da qual a criança treina habilidades que lhes serão fundamentais na vida adulta. Os meninos imitam os homens e as meninas, as mulheres e, assim, pouco a pouco, à medida que se desenvolvem, o jogo se transforma em trabalho.

Raramente ocorre o mesmo nas sociedades urbanas atuais, em que a maior parte das crianças não presencia o trabalho dos pais e em que, muitas vezes, o único exemplo que têm é o de uma figura feminina que realiza as atividades domésticas. Crianças que vivem nesses ambientes passam a ter um contato extenso com um mundo, em grande parte, virtual.

Nunes (2002) também salienta o relativo isolamento das crianças de nossa sociedade em relação ao mundo adulto e ressalta a liberdade na vivência do tempo e do espaço de crianças indígenas. A autora acredita que as sociedades indígenas propiciam à criança melhor compreensão do social, enquanto as ocidentais estão dificultando a integração infantil no mundo adulto.

No entanto, a função das brincadeiras e jogos na preparação das crianças para a inserção gradual na sociedade adulta não lhes tira o caráter de prazer intrínseco, de atividade revigorante e organizadora, que ajuda a criança a elaborar suas experiências, a lidar com suas emoções, a entender o outro e a relacionar-se com ele.

Gianetti (2002), em seu livro *Felicidade* coloca-nos as seguintes questões: que lições tirar das conquistas e desacertos das nações que lideram o processo civilizatório? A civilização entristece o animal humano? Não temos ainda respostas para estas questões, mas podemos parar para refletir sobre elas e sobre o que nossa sociedade tem feito para promover a qualidade de vida de nossas crianças, tendo em perspectiva não só seu presente, mas também seu futuro: o jovem e o adulto que estamos formando.

### Referências Bibliográficas

- BONTA, B. (1997). Cooperation and competition in peaceful societies. *Psychological Bulletin*, 121(2), 299-320.
- BROWN, S. L. (1998). Play as an organizing principle: clinical evidence and personal observations. In: M. Bekoff & J. A. Byers (Eds.), *Animal Play* (pp. 243-259). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- CARVALHO, A.M.A.; MAGALHÃES, C.M.C; PONTES F.A.R. & BICHARA, I.D. (2003.), *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca* [São Paulo: Casa do Psicólogo.
- GIANETTI, E. (2002). *Felicidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GOSSO, Y. & OTTA, E. (2003). Em uma aldeia Parakanã.. In A. M. A. CARVALHO; C. M. C. MAGALHÃES; F. A. R. PONTES & I. D. BICHARA (Orgs.), *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca* .(pp. 33-76), vol. I. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- KELLER, H. (1998) Diferentes caminhos de socialização até a adolescência. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento*, 8, 1-14.
- NUNES, A. (2002). No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante. In: A. L. SILVA, A. V. L. S. MACEDO & A. NUNES (orgs.), *Crianças indígenas: ensaios antropológicos* (pp. 64-99). São Paulo: Global.